

## SOPA DE LETTRES: ENCONTRO COM O OUTRO E AS DIFERENÇAS

Alice Soares Pessoa  
Alessandra Luz Lima  
Isabela Delavechia  
Sylvânia da Silva Rodrigues  
Universidade de Brasília - UnB

**Resumo:** Trata-se de um projeto desenvolvido no programa de extensão da Universidade de Brasília e tem como meta despertar em jovens de comunidades populares o interesse pela língua francesa. O *Sopa de Lettres* visa ensinar o idioma por intermédio do lúdico com um enfoque intercultural, e também viabilizar ao público alvo a possibilidade de ampliar os seus conhecimentos. Discutimos a interface entre o ensino da língua francesa e interação cultural na construção de materiais didáticos para a realização do ensino da língua francesa. Os recursos metodológicos utilizados nas oficinas são elaborados com a intenção de fazer com que os organizadores das oficinas reflitam sobre as relações interculturais por meio do contato linguístico com a outra cultura, neste caso o francês e a língua portuguesa. O material didático é feito por meio de discussão teórica entre o grupo sobre interculturalidade abordando atividades básicas no ensino de línguas com a intenção de construir um material que fomente reflexão sobre valores e crenças culturais, partindo do conhecimento da sua vivência social indo ao encontro das diferenças culturais e linguísticas do outro.

**Palavras Chave:** Ensino de FLE, Interculturalidade, Lúdico, Francês, Educação Popular.

**Abstract:** *Sopa de Lettres* is a project developed in the scope of the Outreach Science Program of the University of Brasilia. The goal of this project is to stimulate the youth of poor communities to study the French language as a manner of expand their knowledge. *Sopa de Lettres* proposes the learning of a foreign language by means of the playful and of the intercultural approach. Thus we discuss the interface between the learning of French as a foreign language and the intercultural interaction to elaborate of our own education material for the learning of French language. These materials always provoke in the monitors of the workshops a thought about the different cultural nexus present in the linguistics contacts, in this case, between the French and the Portuguese. The activities used in the workshops are the result of a collective theoretical thinking that aims a thought about the values in the different cultures always started by the thinking about their own culture.

**Keywords:** Learning of FFN (French as a Foreign Language), Intercultural, Playful, French, Community Education

## INTRODUÇÃO

Mais que profissão, o ato de ensinar, de educar é uma visão de mundo, é um modo de enxergar a vida que ultrapassa os limites do “eu” e busca no outro a completude de seu “inacabamento”, termo este utilizado por Freire, para mostrar a incompletude do ser humano enquanto ser inscrito social, cultural e historicamente. Por meio do “dialogismo”, característica essa intrínseca da relação educador e educando em sala de aula, o ato de educar ganha duas facetas: o ensinar e o aprender reciprocamente. Nesse sentido, o professor é tido como mediador e não como detentor do conhecimento absoluto. Por sua vez, o aluno é visto como um ser repleto de experiências e pronto a partilhá-las em sala. Assim, o aprendizado é algo construído e não imputado. É no respeito ao “outro” que o “eu” também é construído.

Dentro dessa perspectiva, quando se aprende outro idioma não se aprende apenas um sistema de signos. Aprender uma nova língua significa aprender a interpretar a realidade com outros olhos por meio da inserção do aluno num universo de práticas culturais. “(...) não é um ato mecânico e isolado, no qual o homem não está restrito apenas a leitura decodificativa, mas no seu contexto sociocultural” (Freire, 1992). É nesse sentido que o ensino de uma língua estrangeira tem uma função educativa que extrapola os aspectos meramente linguísticos e adquire relevância na formação global do aluno de hoje. É

no contato com o outro diferente que as crianças são motivadas a refletir sobre sua própria realidade, seus valores e costumes. É através do contato com a alteridade que a identidade se define e se reforça.

Nas oficinas ministradas pelos integrantes do Sopa de Lettres procura-se despertar a valorização da cultura brasileira, assim como despertar a curiosidade sobre culturas francófonas. Nessa perspectiva, no processo de ensino-aprendizagem de uma língua estrangeira não pretende apenas que o aluno aprenda um novo código, mas que este desenvolva nos alunos um papel que possa modificar sua realidade, ou seja, trata-se de uma ação transformadora. Nesse sentido, as oficinas são comprometidas com a educação popular que nas palavras de Paulo Freire em *Pedagogia do Oprimido* (1987) é uma “educação feita com o povo, para o povo”. A aprendizagem é valorizada enquanto um *processo* e não um produto e como um processo ela envolve questões que passam pela vida cotidiana das crianças, considerando as relações comunitárias. Esse processo tem como objetivo promover a comunicação e a construção da representação da realidade e contribuir com o processo de formação do aluno como um todo nos aspectos cognitivos e socioculturais.

Assim, o Sopa de Lettres atua em meio a essas trocas de experiências e visa um processo de aprendizagem onde tudo é construído partindo da vivência do aluno. Faz parte do programa de extensão da Universidade de Brasília. Surgiu da ideia de se fazer um projeto em que pudéssemos

falar das culturas de outros países sem esquecermos a nossa própria cultura, uma vez que é quase impossível dissociar o ensino de uma língua estrangeira e a sua carga cultural. Tem por objetivo despertar o interesse das crianças por uma língua estrangeira, incentivando sua descoberta e, conseqüentemente, seu aprendizado. Dessa forma, visa “direcionar” o campo de visão das crianças para um mundo globalizado, amplo, repleto de novas descobertas, riquezas culturais, mostrando que a curiosidade é mais que o primeiro passo, é a ferramenta chave no processo de aprendizado. É com essa visão e com esse interesse que procuramos levar a língua francesa, de forma lúdica, para crianças de comunidades populares.

Diante dessa perspectiva, optamos por utilizar o lúdico para ensinar o FLE para as crianças pois, através das brincadeiras as crianças ficam mais a vontade e desenvolvem com mais facilidade as atividades propostas. As brincadeiras proporcionam momentos de prazer e isso contribui para um melhor aprendizado. Como diz Paulo Freire; “é preciso ser consciente de si mesmo, do seu mundo e da realidade do outro”. (FREIRE, 1989). As brincadeiras além de proporcionarem um ambiente mais agradável que favorece o processo de ensino aprendizagem, toca na questão da afetividade, fator importante para que haja construção de conhecimento.

### FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Mesmo que dentro do projeto o ensino de Francês seja feito de maneira lúdica, ou seja, fora do

tradicional, estamos lidando com ensino francês língua estrangeira - FLE. Nesse sentido, voltar a atenção para as especificidades do público com o qual se irá trabalhar torna-se muito importante para as definições das metas de ensino. Segundo Courtillon “a natureza do público e suas características”<sup>1</sup> (2006, p. 26, tradução nossa) são fundamentais para o direcionamento correto das oficinas, uma vez que estamos lidando com crianças com idades entre 9 e 14 anos oriundas de regiões desfavorecidas economicamente.

Nesse contexto, o projeto *Sopa de Lettres* trabalha dentro dos moldes da Educação Popular sugerida por Paulo Freire. Este desenvolveu uma maneira diferente de educar denominada pedagogia da libertação, uma educação comprometida em que o povo participa e é orientado a lutar por seus direitos. Não é uma educação imposta, mas libertadora, na qual o conhecimento é construído juntamente com a comunidade, assim a educação é baseada no saber da comunidade e orientada na incentivação do diálogo, visando à formação do sujeito como um ser crítico-reflexivo.

Dessa forma, três são os pontos cruciais de reflexão nesse projeto: o ato de ensinar, visando a formação de um ser crítico-reflexivo, a Educação Popular, alicerçada nos estudos de Paulo Freire e o compromisso do profissional de língua estrangeira com a inovação da prática pedagógica, uma vez que nosso trabalho visa o ensino de LEM aliado ao lúdico e não a um método (livro)

<sup>1</sup> « La nature du public, ses caractéristiques. » (2006, 26, tradução nossa).

XV Congresso Internacional de Humanidades, *Palavra y Cultura en América latina: Herencias y desafíos*

específico. O intuito é abrir novas possibilidades à comunidade, enxergando-a como ela verdadeiramente é: um agente de transformação social.

Em *Pedagogia da Autonomia*, Paulo Freire disserta incessantemente sobre a questão do ato de ensinar. Para tanto, ressalta algumas idéias segundo as quais fundamenta seus “preceitos” em relação ao ensino, são elas: “ensinar não é transferir conhecimento, exige consciência do inacabamento e o reconhecimento em ser um ser condicionado; exige ainda respeito à autonomia do ser educado, bom senso, humildade, tolerância e luta em defesa dos direitos dos educadores; ensinar exige apreensão da realidade, alegria ao ensinar e esperança; exige a convicção de que a mudança é possível; exige curiosidade e querer bem aos educandos”. Esses preceitos surgem como um enorme desabafo de quem por anos vivenciou a prática docente e conheceu, de perto, muito das necessidades humanas.

“Ensinar não é transferir conhecimento”, diz Freire. Ao ensinar, o educador deve colocar em jogo muito mais que o discurso de suas teorias, esperando que seus alunos tudo engulam, sem nada rebater. O professor deve manter-se aberto e primar por um espaço que favoreça o diálogo, deixando assim, o ambiente propício “às indagações, à curiosidade, às perguntas dos alunos, a suas inibições”. É uma tarefa difícil! Saber que ensinar não é transferir conhecimento é “pensar certo”, segundo Freire. Só que esse pensar é uma postura que se assume “diante dos

outros e com os outros, em face do mundo e dos fatos, ante nós mesmos”, vem carregada de responsabilidades, por isso, se torna tão difícil mantê-la. É preciso, constantemente, policiar-se, manter a vigilância, para não cair em fracasso, em simplismo.

Somos seres inconclusos, isso é fato. Esse “inacabamento” faz parte da nossa constituição enquanto seres humanos e, assim sendo, permeia todas as áreas de nossas vidas, sejam elas profissionais, afetivas, individuais ou coletivas, lá está ela, a *inconclusão* de nosso ser, para mostrar que nossa existência depende do convívio que tenho com o outro e para o outro. O que é ser gente, afinal? O que é ser humano, com toda essa *inconclusão* e a falta de determinismo que caracteriza a vida, no sentido de que nada está dado por certo, fechado, acabado? As direções que tomamos na vida nos conduzem a caminhos diferentes, mudam nossas convicções; é a incerteza da vida e a possibilidade de construção do próprio destino (a que cada um está fadado), que a tornam tão mágica. Diz Freire “gosto de (...) ser gente, porque sei que minha passagem pelo mundo não é predeterminada, preestabelecida, que meu ‘destino’ não é um dado, mas algo que precisa ser feito e de cuja responsabilidade não posso me eximir”. Não há como não concordar.

Não é possível fazer uma reflexão sobre o que é a educação sem refletir sobre o próprio homem. (...) Começamos por pensar sobre nós mesmos e tratemos de encontrar, na natureza do home, algo que possa constituir o núcleo fundamental onde se sustente o processo de

XV Congresso Internacional de Humanidades, *Palavra y Cultura en América latina: Herencias y desafíos*

educação. Qual seria este núcleo captável a partir de nossa própria experiência existencial? Este núcleo seria o inacabamento ou a inconclusão do homem. (...) Não haveria educação se o homem fosse um ser acabado. O homem pergunta-se: quem sou? De onde venho? Onde posso estar? O homem pode refletir sobre si mesmo e colocar-se num determinado momento, numa certa realidade: é um ser na busca constante de ser mais e, como pode fazer esta auto-reflexão, pode descobrir-se como um ser inacabado, que está em constante busca. Eis aqui a raiz da educação. (FREIRE, 1983, p. 27)

A visão de homem que Freire nos apresenta - um homem que não vive no isolamento, que não se “isenta da influência das forças sociais” -, é aquela que mostra este homem como um ser que compõe o meio de forma ativa, porque ele é uma mistura do que “herda geneticamente e do que herda social, cultural e historicamente”, é um ser consciente de seu inacabamento, e, por isso, é capaz de ir além dele, de socializar-se, aprender. Dessa forma, ele percebe que sua presença no mundo tem muito de si mesmo e que ele como um ser conscientemente inacabado e, conseqüentemente, condicionado, é sujeito ativo no ambiente que o rodeia; percebe que sua visão ante o mundo é uma “visão de quem se insere” e não de quem a ele só se adapta. Assim, “a consciência do mundo e a consciência de si, inacabado, necessariamente inscrevem o ser consciente de sua *inconclusão* num permanente movimento de busca”. Essa busca é responsável pela dinâmica das relações, sejam essas religiosas, políticas, culturais etc.; é ela quem insere o ser humano na roda viva da existência e interfere tanto em seu ambiente e em sua própria

realidade, como no ambiente e realidade do mundo. Afinal, estar no mundo, sem história, “sem por ela ser feito, sem cultura, sem sonhar (...), sem pontos de vista sobre o mundo, sem fazer ciência, (...) sem aprender, sem ensinar, sem idéias de formação, sem politizar, não é possível” - chama-nos à atenção, Freire. (FREIRE, 1996, p. 24)

O homem está no mundo e com o mundo. Se apenas estivesse no mundo não haveria transcendência nem se objetivaria a si mesmo. Mas como pode objetivar-se, pode também distinguir-se entre um eu e um não-eu. Isto o torna um ser capaz de relacionar-se; de sair de si; de projetar-se nos outros; de transcender (...). (FREIRE, 1983, p.30)

Paulo Freire nos fala ainda do respeito à autonomia e dignidade do educando, além da importância da vigilância do bom senso, por parte daquele que ensina. Esses são itens indispensáveis à vida e a prática docente. O respeito ao outro, por ser a partir dele que os sujeitos amadurecem, “crescem na diferença”, interagem entre si, aprendem uns com os outros, tornando-se seres éticos. E o bom senso por permitir que constantemente a prática docente seja avaliada, reorganizada, reestruturada, e, por permitir ainda, exercer de maneira adequada e consciente a autoridade em sala.

A boa prática do ato de ensinar mostra que o pensar certo, que o bom caminho a se seguir, é aquele que é pautado no respeito e na humildade. Humildade essa que abre as portas para o aprendizado, pois com ela se consegue manter o coração aberto às novas experiências, aos novos

XV Congresso Internacional de Humanidades, *Palavra y Cultura en América latina: Herencias y desafíos*

conhecimentos, que tanto contribuem para a formação do ser homem, ser gente, ser professor e ser aluno ao mesmo tempo, ser ético e não transgressor.

Todo esse discurso de Paulo Freire ultrapassa os próprios limites do ensinar (apesar de estar verdadeiramente inserida nele), pois abarca o gosto pela idéia de “ser gente”. Freire nos embriaga com o seu amor ao homem, à vida, com o seu entusiasmo em fazer parte de uma espécie que é por excelência inconclusa, inacabada e, por isso mesmo, incerta. A falta de determinismo da vida e do homem é que constitui tão grande a beleza de sua existência. Uma vez não limitados por formas que castram a liberdade criadora, o homem é capaz de escolher seu caminho. O ser humano tem o poder de construir-se a si mesmo, construir a História, de fazer parte do mundo, interferindo no presente e dando novas formas ao futuro. Paulo Freire ressalta:

(...) gosto de ser gente porque a História em que me faço com os outros e de cuja feitura tomo parte é um tempo de possibilidades e não de determinismo (...), gosto de ser homem, de ser gente, porque não está dado como certo, inequívoco, irrevogável que sou ou serei decente, que testemunharei sempre gestos puros, que sou e que serei justo, que respeitarei os outros, que não mentirei escondendo o seu valor porque a inveja de sua presença no mundo me incomoda e me enraivece. (FREIRE, 1996, p. 22)

Essa incerteza que determina a vida humana é um campo rico de possibilidades. Tais possibilidades interferem diretamente no ensinar.

A partir dessa perspectiva sobre o que é ensinar e da visão de Homem mostrada por Freire, unimos o nosso conhecimento ao saber da comunidade, o resultado dessa união utilizamos como matéria prima para o ensino da língua francesa em nossas oficinas. O objetivo principal não é apenas o ensino de outra língua, é aliar o conhecimento do sujeito - ser agente e, por isso, transformador da sociedade -, ao ensino de LEM, ensinando a partir de palavras e temas geradores do cotidiano dos alunos.

Nesse sentido a educação não é vista somente como ato de conhecimento, mas também como um ato de transformação social. O conhecimento de si, influi no modo em que conhecemos o outro. E ao conhecermos o outro, mudamos a forma de nos conhecermos.

## METODOLOGIA

Por se tratar de um projeto de extensão com cunho social, a metodologia que melhor se incere nesse contexto é a pesquisa-ação desenvolvida por René Barbier (2007), pois esse tipo de trabalho tem como objetivo solucionar o problema de uma determinada comunidade.

O projeto Sopa de Lettres visa o ensino de uma língua estrangeira, e pela questão social, a Pesquisa-ação está diretamente relacionada ao ensino de línguas, que tem como objetivo principal a comunicação, e o ato comunicativo é o que há de mais social em se tratando das relações humanas.

Segundo Barbier “a pesquisa-ação orienta-se para uma participação crescente das populações envolvidas. Passa-se de pesquisador interventor a agente da mudança” (BARBIER 2007:30), e é nesse ponto que “A pesquisa-ação” difere dos outros tipos de pesquisa em que o pesquisador é um mero observador de terceiros, aqui o pesquisador é parte da pesquisa, não há distanciamento das partes envolvidas. É justamente por causa dessa diferença que a pesquisa-ação se adapta bem ao presente trabalho.

Por se tratar de um projeto voltado para um público infanto-juvenil a afetividade está diretamente ligada ao processo de ensino-aprendizagem, por isso a proximidade entre pesquisador e pesquisado é tão importante.

Como já foi dito, o objetivo do Projeto é levar a língua francesa para comunidades cuja população é desfavorecida economicamente, e fazer com que essa nova língua ajude as crianças a terem uma nova perspectiva de vida e sejam estimulados a buscar uma forma de mudar sua realidade, esse foi o principal ponto que nos suscitou a usar o método escolhido.

O trabalho é desenvolvido através de oficinas realizadas com crianças entre 9 e 14 anos. Até 2011 as oficinas eram realizadas no Núcleo de Extensão da Universidade de Brasília em Brazlândia e no Centro de Orientação Socioeducativo no Gama (COSE).

## A PREPARAÇÃO DAS OFICINAS

As oficinas são construídas conjuntamente por todos os monitores participantes do projeto. O Sopa de *Lettres* não adotou manuais (*Didier, CLE* etc) para uso metodológico de ensino da língua francesa, uma vez que os manuais voltados para o ensino da língua francesa são muito caros, indo de encontro com a nossa perspectiva *Paulofreiriana*. O que também contribui para a não utilização do livro didático é que no nosso entender o livro didático deixa o professor limitado, abordando os conteúdos de maneira segmentada e não está inserido na nossa realidade. No entanto, não deixamos de consultá-los visto que ele oferece ao professor um norte, ou seja, um rumo a ser seguido.

Nessa perspectiva, entendemos também que as crenças dos professores, formadas por suas experiências (de ensinar e aprender) anteriores e por teorias informais, constituem também a cultura de ensinar dos professores e não são menos importantes que teorias formais de ensino. As crenças são importantes também para formar a abordagem de ensinar dos professores de maneira em geral, Almeida Filho (1997) define abordagem como uma força que orienta e caracteriza um processo específico de ensino de língua, sendo superior hierarquicamente ao método e técnica e que é reconhecida a partir da concepção de língua, de linguagem, de aprender e de ensinar dos professores. As duas abordagens principais da atualidade são a comunicacional e a gramatical, sendo a comunicacional a melhor aceita, por

XV Congresso Internacional de Humanidades, *Palavra y Cultura en América latina: Herencias y desafíos*

trabalhar a língua em sala de aula de maneira interativa e não segmentada.

Nesse sentido, contamos com as nossas experiências e crenças para a elaboração dos nossos materiais de ensino de língua francês, temos como suporte, além dos temas já previamente escolhidos, o uso de materiais como: cartolina, papel contact, revistas, balões, papel cartão, cola, tintas, emborrachados, etc., e fazemos uso também de multimídias - vídeos, Datashow, aparelho de som, tevê, etc. Como já foi mencionado, a elaboração do material se dá depois que é escolhido os temas a serem tratados nas oficinas, contribuindo para dar sentido ao material confeccionado. Assim, as oficinas possuem uma riqueza de valores e respeito por valorizar a cultura do outro, abordando questões como preconceitos e mal-entendidos culturais. As oficinas tem objetivo de fazer uma interação com outras crianças e fomentar a vontade de aprender

uma nova língua, mas também de fazer com que os alunos saibam utilizar um pequeno vocabulário para "*Saluer*", "*Se présenter*" e "*Demander à quelqu'un de se présenter*" e a partir daí serão escolhidos temas que vão nortear as nossas oficinas, ou seja, ensino do FLE nessas comunidades. Fazemos uma média de dezoito oficinas por semestre, atendendo entorno de 40 crianças nas duas comunidades.

Assim, temos o objetivo de ensinar o FLE pelo viés do lúdico, procuramos trabalhar o francês associando com brincadeiras de acordo com a faixa etária, como atendemos um público de 9 a 14 anos procuramos trabalhar também atividades de pintura, resgatar as brincadeiras como pular corda para treinar os números, esconde-esconde para enriquecer o vocabulário, criação de teatro, esse é um momento em que osicineiros produzem diálogo.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA FILHO, J.C.P. A abordagem orientadora da ação do professor. Em: ALMEIDA FILHO, J.C.P (org.). **Parâmetros atuais para o ensino de português língua estrangeira**. Campinas, SP: Pontes Editores.

\_\_\_\_\_ Análise de abordagem como procedimento fundador de auto-conhecimento e mudança para o professor de língua estrangeira. Em: ALMEIDA FILHO, J.C.P (org.). **O Professor de Língua Estrangeira em Formação**. Campinas, SP: Pontes Editores.

BARBIER, René. **A Pesquisa - ação**. Tradução de Lucie Didio. Brasília: Liber Livro Editora, 2007.

COURTILLON, Janine. **Élaborer un cours de FLE**. Paris: Hachete, 2006

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Educação e mudança**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.